

BOLSAS	BOVESPA	GLOBAL 40	DÓLAR	EURO	OURO	CDB	INFLAÇÃO
Na segunda-feira (em %)	Índice da Bolsa de Valores de São Paulo nos últimos dias (em pontos)	Título da dívida externa brasileira, na segunda	Segunda-feira (em R\$)	Turismo, venda (em R\$) na segunda-feira	Na BM&F o grama (em R\$)	Prefeito, 30 dias (em % ao ano)	IPCA do IBGE (em %)
-0,34 São Paulo	52.527 30/05 31/05 01/06 04/06	US\$ 1,336 (▲ 0,04%)	1,928 (▲ 1,21%)	2,683 (▲ 0,60%)	R\$ 44,000 (Estável)	12,02%	Dezembro/2006 0,48 Janeiro/2007 0,44 Fevereiro/2007 0,44 Março/2007 0,37 Abril/2007 0,25
+0,06 Nova York			Últimas cotações (em R\$) 28/maio 1,94 29/maio 1,95 30/maio 1,94 31/maio 1,92 01/junho 1,90				

CONJUNTURA

Melhora do quadro econômico nos últimos 45 dias faz com que especialistas acreditem em redução de 0,5 ponto percentual na Selic amanhã. Com a queda do IPCA, corte de 0,25 elevaria juros reais no país

Céu de brigadeiro

VICENTE NUNES
 DA EQUIPE DO CORREIO

O Banco Central terá de apresentar argumentos muitos fortes para justificar uma postura mais conservadora na reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), que começa hoje e termina amanhã. Na avaliação da maioria dos 100 analistas ouvidos semanalmente pela instituição, não há outra alternativa ao Copom senão a de reduzir a taxa básica de juros (Selic) em 0,5 ponto percentual, dos atuais 12,5% para 12%. Para os especialistas, um corte de 0,25 ponto, repetindo o que ocorreu nas três reuniões deste ano, será um erro, pois a inflação acumulada nos últimos 12 meses está em 3%, muito distante do centro da meta perseguida pelo BC, e, com o dólar abaixo de R\$ 2, não há pressão à vista sobre os preços, pelo menos no que se pode enxergar nos próximos 18 meses.

"A exuberância do cenário atual, tanto no país quanto no exterior, abriu espaço para o BC aumentar o ritmo de corte da Selic", disse Roberto Padovani, economista-chefe do Banco WestLB. E não há nenhum exagero na sua colocação. Quem se deu ao trabalho de comparar os indicadores que vigoravam às vésperas da reunião de abril do Copom com os índices de hoje constatou que houve uma melhora substancial. Foi o caso de Joel Bogdanski, economista do Banco Itaú. Segundo ele, a taxa média do dólar estava, há 45 dias, em R\$ 2,03. Agora, gira em torno de R\$ 1,95, uma queda de 4%. As expectativas para o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) deste ano também recuaram entre as duas reuniões, de 3,81% para 3,50%. Nesse intervalo de tempo, o Brasil teve a sua nota de risco revisada para cima por duas agências, a Standard & Poor's e a Fitch, deixando o país a um passo do grau de investimento. Para completar, o risco-país caiu a patamar próximo de 140 pontos, seu piso histórico.

Não é à toa, portanto, que o

consenso do mercado é de uma redução de 0,5 ponto da Selic, ressaltou o diretor de estratégia para a América Latina do Banco BBVA, José Maria Barrionuevo. A seu ver, com o céu de brigadeiro no qual o BC vai transitar nos próximos meses, é possível dizer que, pelo menos em mais duas reuniões do Copom, em julho e em setembro, a Selic cairá 0,5 ponto cada. Depois, o BC dará mais dois cortes de 0,25 ponto, com os juros fechando o ano em 10,25%. Esse cenário também é defendido por Nuno Câmara, economista em Nova York do Dresdner Bank. "Há espaço para o BC ser mais agressivo, sem comprometer o controle da inflação", vem ressaltando Câmara, que aposta em mais quatro reduções da Selic em 2008, com a taxa chegando a 9,25%.

Malor do mundo

Um dos principais argumentos dos analistas para o BC acelerar o corte da Selic é a taxa real de juros, que desconta a inflação. Como as estimativas futuras para o IPCA caíram mais do que 0,25 ponto entre a reunião do Copom de abril e a que se inicia hoje, uma baixa nessa magnitude só faria aumentar os juros reais. E mesmo que a Selic recue 0,5 ponto, não mudará em nada a posição do Brasil no ranking das maiores taxas reais do mundo. Pelas contas da UPTrend Consultoria Econômica, quando descontada a inflação projetada para os próximos 12 meses, de 3,4%, de uma possível Selic de 12%, os juros reais ficam em 8,3%, a taxa mais elevada do mundo, bem distante da vice-campeã Turquia, com 7,6%, e de Israel, com 5,2%.

A despeito de todos os argumentos favoráveis a um corte maior da Selic, a decisão do Copom não será fácil, destaca o economista-chefe do Banco Modal, Alexandre Póvoa. "Há argumentos técnicos, como o forte cresci-

VÔO TRANQUÍLO

Cenário entre a reunião do Copom de abril e o encontro deste mês, que começa hoje, ficou ainda melhor para a queda da taxa básica de juros (Selic)

Dólar

Às vésperas da reunião de abril, a cotação média da moeda americana era de R\$ 2,03. Agora, está em torno de R\$ 1,95. Entre as duas reuniões, a queda do dólar foi de 4%.

Inflação

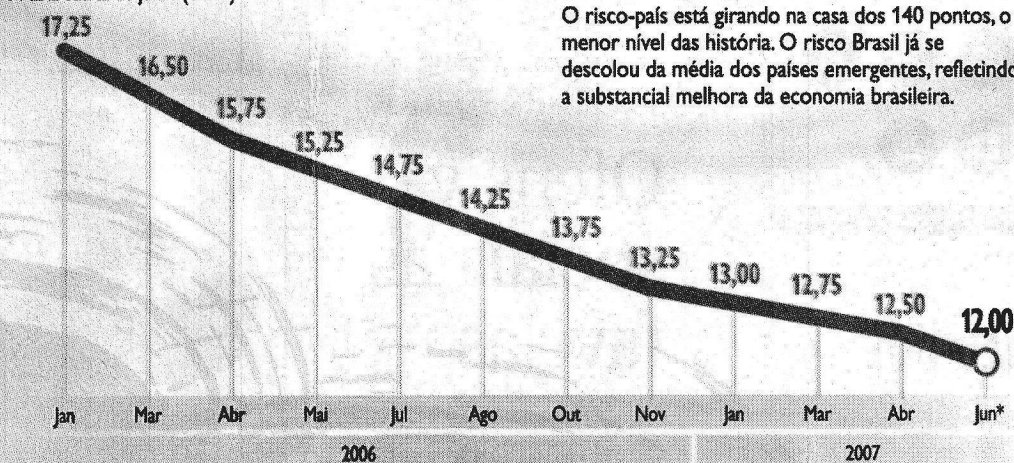
Antes da reunião de abril, as expectativas do mercado para o IPCA deste ano projetavam alta de 3,81%. Nesta semana, a estimativa baixou para 3,50%. As projeções para os próximos 12 meses recuaram de 3,65% para 3,40%.

Juros reais

Às vésperas da reunião de abril, os juros reais, que descontam a inflação projetada para 12 meses à frente, estavam em 8,78%. Com a pesquisa Focus desta semana indicando IPCA de 3,40% para os próximos 12 meses, as taxas reais subiram para 8,80%. Precisam cair

A queda da Selic

A taxa básica de juros (em %)



* Consenso do mercado Fonte: BC e sistema financeiro Joelson Miranda/CB

mento do consumo, que justificam uma queda de 0,25 ponto. Mas eu, particularmente, defendendo uma redução de 0,5 ponto." Ele chamou ainda a atenção para a expectativa do mercado em torno da evidente divisão do Copom. Na última reunião, três dos sete diretores votaram nela baixa de 0,5



Indústria

A produção industrial, pelos dados do IBGE, cresceu 2,7% nos 12 meses terminados em março. Nos bens de capital (máquinas e equipamentos), que se traduzem em mais investimentos, a alta foi de 7,2%. A utilização da capacidade instalada, segundo a CNI, aumentou de 82,1% para 82,6% entre março e abril.

Bens de consumo

Apesar de as vendas do varejo terem aumentado quase 8% nos 12 meses até março, o comércio está com estoques adequados, expectativa de elevação do faturamento sem euforia, e uso sistemático de liquidações para atrair os consumidores, o que segura a inflação.

Outras boas notícias

O Brasil teve sua nota de risco elevada por duas agências de rating, a Standard and Poor's e a Fitch. O país ficou a um passo do grau de investimentos, o que o tornará um porto seguro para o capital.

O risco-país está girando na casa dos 140 pontos, o menor nível das histórias. O risco Brasil já se descolou da média dos países emergentes, refletindo a substancial melhora da economia brasileira.

ponto e quatro, pelo recuo de 0,25. Um dos diretores que votou pelo corte menor, Rodrigo Azevedo, foi substituído por Mário Torós no comando da Política Monetária. Portanto, se todos os seis diretores mantiverem a posição de abril, o voto de Torós será decisivo.

Póvoa acredita que uma nova

divisão no Copom será favorável, pois evitará euforia nos mercados, já que deixará aberta a possibilidade de o ritmo de corte da Selic voltar a diminuir. Ele só vê problema em um placar: de quatro a três, que seria interpretado como uma mudança clara na condução da política monetária.